

Fé e virtualidade no século XXI: novas territorialidades e práticas de devoção ao sagrado na era digital

Faith and virtuality in the 21st century: new territorialities and practices of devotion to the sacred in the digital age

Fe y virtualidad en el siglo XXI: nuevas territorialidades y prácticas de devoción a lo sagrado en la era digital

Jefferson Rodrigues de Oliveira – jeffersongeouerj@yahoo.com.br
Pós-doutor em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2197-0156>

Paulo Afonso Dias de Lima – pauloafonso800@gmail.com
Mestre em Planejamento do Desenvolvimento da Universidade Federal do Pará – NAEA/UFPA
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9592-9346>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar as novas práticas de difusão da fé através dos meios de comunicação e no ciberespaço, em especial no período pandêmico vivenciado pelo mundo, no final de 2019, e sua permanência em 2021, com a COVID-19. A pandemia intensificou a necessidade do uso das tecnologias na comunicação em suas diferentes esferas – sociais, políticas e econômicas. Desta maneira, abordaremos neste trabalho o processo de intensificação do uso destas tecnologias de comunicação para a difusão da fé, à luz do conceito de hipermodernidade, que apresenta uma característica marcante no século XXI: o aumento da individualidade, a busca pelo self, a diversidade dos processos capitalistas, que favoreceram a criação de novas inter-relações entre o homem e a tecnologia, por meio das diferentes interações no ciberespaço. À vista disto, as novas interações espaciais digitais favorecem a criação de novos territórios e territorialidades religiosas no ciberespaço. A Igreja Católica e grupos político-religiosos de outras denominações / ritos, como as de origem protestante, rompem a barreira do templo físico para o virtual.

Palavras-chave: Geografia da Religião, Territorialidade Religiosa, Igreja Católica, Protestantismo, Lugaridade.

Abstract

The present article aims to present the new practices of spreading the faith through the media and in cyberspace, especially in the pandemic period experienced by the world at the end of 2019, and its permanence in 2021, with COVID-19. The pandemic has intensified the need for the use of technologies in communication in its different spheres – social, political, and economic. In this way, we will approach in this paper the process of intensification of the use of these communication technologies for the spread of faith, in the light of the concept of hypermodernity, which presents a remarkable characteristic in the 21st century: the increase of individuality, the search for the self, the diversity of capitalist processes, which have favored the creation of new interrelations between man and technology, through the different interactions in cyberspace. In view of this, the new digital spatial interactions favor the creation of new religious territories and territorialities in cyberspace. The Catholic Church and politico-religious groups of other denominations / rites, such as those of Protestant origin, break the barrier from the physical temple to the virtual one.

Key words: Geography of Religion, Religious Territoriality, Catholic Church, Protestantism, Lugarity.

Resumen

El presente artículo pretende presentar las nuevas prácticas de difusión de la fe a través de los medios de comunicación y en el ciberespacio, especialmente en el periodo de pandemia que vive el mundo a finales de 2019 y su permanencia en 2021, con el COVID-19. La pandemia intensificó la necesidad de utilizar las tecnologías en la comunicación en sus diferentes ámbitos: social, político y económico. De este modo, abordaremos en este trabajo el proceso de intensificación del uso de estas tecnologías de la comunicación para la difusión de la fe, a la luz del concepto de hipermodernidad, que presenta una característica llamativa en el siglo XXI: el aumento de la individualidad, la búsqueda del yo, la diversidad de los procesos capitalistas, que han favorecido la creación de nuevas interrelaciones entre el hombre y la tecnología, a través de las diferentes interacciones en el ciberespacio. Por ello, las nuevas interacciones espaciales digitales favorecen la creación de nuevos territorios y territorialidades religiosas en el ciberespacio. La Iglesia católica y los grupos político-religiosos de otras denominaciones / ritos, como los de origen protestante, rompen la barrera del templo físico al virtual.

Palavras-chave: Geografía de la Religión, Territorialidad Religiosa, Iglesia Católica, Protestantismo, Lugaridade.

Recebido em: 15 de setembro de 2021

Aceito: 22 de setembro de 2021

Publicado: 30 de setembro de 2021

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar as novas práticas de difusão da fé através dos meios de comunicação e no ciberespaço, em especial no período pandêmico vivenciado pelo mundo, no final de 2019, e sua permanência em 2021, com a COVID-19. A pandemia intensificou a necessidade do uso das tecnologias na comunicação em suas diferentes esferas – sociais, políticas e econômicas.

Desta maneira, abordaremos neste trabalho o processo de intensificação do uso destas tecnologias de comunicação para a difusão da fé, à luz do conceito de hipermodernidade. O conceito criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles (2004), nos apresenta uma característica marcante no século XXI: o aumento da individualidade, a busca pelo *self*, a diversidade dos processos capitalistas; como o capitalismo artista, a estética, a cultura do excesso, entre outros, que de certa maneira, favoreceram a criação de novas inter-relações entre o homem e a tecnologia, por meio das diferentes interações no ciberespaço. À vista disto, as novas interações espaciais digitais favorecem a criação de novos territórios e territorialidades religiosas no ciberespaço, à medida que, as Igrejas ou grupos político-religiosos de outras denominações / ritos, como as de origem protestante, rompem a barreira do templo físico para o virtual (OLIVEIRA, 2019).

Para nossa análise apresentaremos duas vertentes: a) a do catolicismo, sobretudo, com base no movimento da Renovação Carismática Católica e seu desdobramento no catolicismo renovado, que apresenta um intenso processo de difusão midiática e virtual, que veio a ser impulsionado pela pandemia e; b) a de um grupo político-religioso de origem protestante. (LIMA, 2020). O empírico juntamente com o teórico irá nortear o conhecimento científico vertical do artigo apresentado.

A Igreja Católica e a Renovação Carismática Católica: difusão virtual e midiática

As novas práticas digitais associadas ao processo e difusão da hipermodernidade favorece para as religiões, o acesso a um mundo totalmente novo, com capacidades de interações e trocas ainda muitas vezes desconhecidas, frente a um universo complexo e em constante expansão, proporcionando o avanço e a gênese de novos territórios, antes considerados desconhecidos, ou não possíveis de inter-relações, como o próprio ciberespaço. Na medida em que o homem e a máquina aprofundam seus processos de interações, graças ao avanço e desenvolvimento das novas tecnologias da informação, novos espaços, com novas propostas de uso surgem.

Estamos na era digital, do avanço da Internet das Coisas (IOT) e do 5G, que em seu complexo e completo desenvolvimento, permitirá um aumento da dependência humana da tecnologia, algo quase que obrigatório, em uma sociedade cada vez mais interligada em redes de informações. Países como a China, Japão e Coreia do Sul, se encontram imersos nesses novos processos tecnológicos e de produção, pelo avanço do uso do 5G, são exportadores dessa nova tecnologia. Trata-se de um binômio, uma dualidade entre o homem e a tecnologia, como algo que em breve serão praticamente indissociáveis. Atualmente o Brasil, como exemplo, se apresenta como um dos países que possuem mais tempo de acesso à internet e a redes sociais no mundo (OLIVEIRA,

2019), estando à frente de países como Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul, entre outros.

As religiões caminham em um processo de descobertas e aprofundamento dessas novas relações digitais e midiáticas. O geógrafo Oliveira (2017, 2019), nos apresenta como estes processos inovadores estão permitindo a criação de novos territórios e territorialidades religiosas no ciberespaço, ou seja, as Igrejas, os Templos e fixos religiosos de outras doutrinas, rompendo com a barreira do físico, concreto, para descobertas e desenvolvimento de novas interações e práticas religiosas virtuais.

Os anos de 2020 e 2021, com o surgimento e escalada da pandemia mundial da COVID-19, submeteu o mundo a uma necessidade urgente de aprofundamento no ciberespaço, para convívio e trocas socioculturais, para a educação, para as vendas e serviços de mercado e indústrias, nas realizações de conferências e palestras, assim como, o crescimento dessas ações em home office. Atos que favoreceram certos nichos econômicos já inseridos em um contexto digital, em detrimento de outros, que tiveram que realizar uma reinvenção em um curto espaço de tempo, para não deixarem de existir.

Para as religiões, o ciberespaço e a difusão midiática foi algo totalmente novo, e necessário, para levar a mensagem da fé para seus adeptos, e consolidar os seus territórios. Desta maneira, o ciberespaço e as mídias – TV, Rádio, Internet; os sistemas operacionais *mobile* como – *Android* da Google, *iOS* da Apple e *HarmonyOs* da Huawei; e as mídias/redes sociais – *Facebook*, *TikTok*, *YouTube*, *Twitter*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Telegram*, *Line* e tantos outros, possibilitam, para as religiões, uma nova frente de domínio e controle. A difusão da fé através dos meios de comunicação em suas diferentes escalas e acessibilidades, possibilitam ao homem religioso um contato com o divino, e em alguns casos, uma prática e vivência transcendental.

Em nosso exemplo, na Igreja Católica, o processo de difusão midiática começou a ganhar escopo a partir da década de 1990 com o avanço das rádios católicas pelo Brasil, assim como, programas católicos em rádios seculares (não religiosas). Porém, o avanço foi mais lento, comparado com as vertentes religiosas cristãs do pentecostalismo e neopentecostalismo, neste mesmo período.

Um dos principais agentes difusores midiáticos da Igreja Católica, no Brasil, é o movimento da Renovação Carismática Católica – RCC, que com diversas comunidades de Vida e Aliança, consideradas carismáticas, oferecem suporte para um crescimento expressivo do catolicismo midiático no Brasil, nos últimos anos, principalmente no ciberespaço.

Devemos ressaltar que atualmente, *o catolicismo renovado*, rompeu as barreiras de seu movimento fundador – a RCC, para se expandir para toda a Igreja, especialmente, em grupos sociais religiosos, que tiveram sua gênese, através de ordens religiosas mais contemplativos, e de clausura, como na ordem das carmelitas em mosteiros. Desta maneira, algumas religiosas carmelitas romperam com o claustro, para formarem suas comunidades e institutos religiosos fora de suas ordens, com normas, estatutos, diretrizes, práticas religiosas e a difusão da fé.

Com o crescimento das redes e mídias sociais, e a necessidade crescente de se expandir para esse novo território virtual, o ciberespaço, passou a ser um dos

principais meios de comunicação dessas comunidades. Através dessas informações, podemos observar que as três principais redes sociais utilizadas pelos brasileiros (sem contar as redes sociais chinesas - *TikTok e Kwai*) – *Facebook, Instagram e YouTube*, apresentam uma pluralidade de perfis de comunidades, instituições religiosas e de grupos sociais religiosos e não religiosos. Dentre os quais, podemos destacar no caso católico, duas comunidades religiosas formadas, com base de uma espiritualidade carmelitana, que nos últimos 5 anos, passaram a ter um crescimento significativo e robusto, se tornando em pouco tempo, importantes polos difusores do catolicismo renovado no Brasil.

Estamos falando do *Instituto Hesed*, localizado em Fortaleza-CE, fundado em 1997 pelas Madres Kelly Patrícia e Jane Madeleine (ex-carmelita de clausura) e; a comunidade dos *Irmãos e Irmãs Carmelitas Mensageiros do Espírito Santo*, fundada pela Madre Maria José do Espírito Santo, em 1985 no Espírito Santo. A última comunidade, possui atualmente sua principal casa de missão e formação em São Paulo. Entre os seus principais membros, destacamos o Frei Gilson – *Som do Monte*, que apresenta características carismáticas, como destacado nos estudos weberianos. Seu principal carisma de fé, além do sacerdócio, é a formação cristã e o ministério de música – *Som do Monte*, que o tornou conhecido em todo o Brasil. Os canais das duas comunidades somadas na principal rede social de compartilhamento de vídeos, o *YouTube*, apresentam 4 milhões de inscritos e aproximadamente 700 milhões de visualizações de conteúdos nos últimos anos¹.

Um dos maiores destaques no âmbito midiático católico brasileiro, é a comunidade *Canção Nova*, localizada na cidade de Cachoeira Paulista, interior de São Paulo. Atualmente com 43 anos desde a sua fundação, a comunidade apresentou expressivo crescimento, principalmente nos anos 2000, com a intensificação de suas ações no ciberespaço, e a ampliação de suas retransmissoras da TV *Canção Nova*, uma das maiores redes de comunicação do Brasil. A gênese da comunidade ocorreu também, através da RCC. Fundada pelo Monsenhor Jonas Abib em 1978, se configura como a principal comunidade católica carismática do mundo, possuindo casas de missão em diferentes cidades brasileiras e em outros países como Portugal, Paraguai, Estados Unidos, Israel, entre outros. Seu principal carisma é a difusão midiática da fé, através dos meios de comunicação (OLIVEIRA, 2015).

No Brasil, atualmente, encontramos diversas redes de comunicação religiosa do catolicismo, tais como as rádios e variados canais de TV: Rede Século XXI (conteúdo religioso), TV Aparecida (conteúdo religioso e secular), TV *Canção Nova* (conteúdo religioso), Rede Vida (conteúdo religioso e secular), TV Evangelizar (conteúdo religioso), TV Nazaré (conteúdo religioso), entre outros.

Com um número expressivo de perda de fiéis ao longo das últimas décadas a Igreja Católica tem visto nestas redes de comunicação, e principalmente do movimento da RCC, considerado por muitos como um protestantismo católico, uma tentativa de barreira e recatolização dos católicos, frente ao conseqüente aumento da perda dos fiéis. Desta maneira, inserida em nova realidade, a Igreja Católica entende que ter domínio sobre um poderoso meio de comunicação seria de extrema relevância para manutenção e aquisição de novas estratégias de evangelização.

¹ Dados referentes ao mês de setembro de 2021 (YOUTUBE, 2021).

Estas ações são necessárias frente ao quadro religioso no Brasil, atualmente, onde observamos a efervescência de um pluralismo religioso. Os avanços da sociedade no século XXI possibilitam ao homem conhecer novas maneiras de proximidade com o sagrado, através de diferentes práticas e ritos religiosos, não religiosas, das pseudorreligiões, e de movimentos como *da New Age/Nova Era* (OLIVEIRA, 2019; FLORES, 2020). Tais práticas buscam, a partir desta nova conjuntura, a criação de outras e novas práxis religiosas ou civis em uma sociedade cada vez mais plural.

Com o objetivo de implantar e consolidar a gestão em seus territórios, a Igreja Católica criou através de uma territorialidade religiosa, ações de controle, ou seja, uma ação realizada de maneira individual ou em grupo, na busca de realizar uma influência ou domínio de pessoas, fenômenos e relações, possibilitando assim, o controle sobre uma determinada área (SACK, 1986). Segundo Rosendahl (2012), interpretar o fenômeno religioso neste contexto é de extrema importância para perceber a estratégia geográfica de controle de pessoas e objetos em territórios onde a religião se estrutura enquanto instituição.

Deste modo, a territorialidade em um contexto religioso, ou seja, uma territorialidade religiosa, em um viés geográfico, seria um conjunto de práticas que uma determinada instituição, grupo social religioso ou leigo desenvolve com o objetivo de controlar um dado território religioso. Neste território, o sagrado e seu efeito de poder, transmite uma identidade de fé em um sentimento de propriedade mútuo. Se trouxermos a interpretação da territorialidade religiosa para a abordagem da geografia cultural pós-1980, teremos em seu significado um conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos religiosos para manter e controlar pessoas ou objetos em um território religioso legitimando determinada fé.

Para a geógrafa Zeny Rosendahl (2012), a paróquia possui um papel estratégico dentro da Igreja Católica, visto que representa para o homem religioso, um lugar simbólico, ou seja, um elo entre ele e a divindade. Neste caso, observamos uma forte identidade religiosa no lugar. A paróquia é tida como um território religioso principal da vida das comunidades locais. Ela, como território, torna-se reconhecida, visto que nela ocorre o controle da liturgia diária, estando assim na escala da convivência humana.

A Igreja Católica em sua construção hierárquica e territorial é construída através de diferentes redes, iniciando com o Vaticano, onde o Papa comanda todas as unidades territoriais, os arcebispos sobre as arquidioceses, os bispos sobre as dioceses, e os sacerdotes com jurisdição em suas paróquias (ROSENDAHL, 2012).

Agora, não apenas os territórios religiosos controlados por um profissional religioso em seus três níveis hierárquicos (ROSENDAHL, 2012) tornam-se necessários para a continuidade institucional. Não obstante, tenha uma escala decrescente de importância hierárquica e político-administrativa na Igreja Católica, considerando o Vaticano, as Dioceses e Paróquias; também se torna necessário a expansão de suas fronteiras territoriais para outros territórios como o ciberespaço e os meios de comunicação. Surgiria no decorrer deste processo, uma nova possível hierárquica para domínio e controle das ações católicas no ciberespaço? Torna-se necessária a compreensão que o ciberespaço é uma cultura desterritorializante e que auxilia a Igreja a criar territorialidades nas diferentes esferas de comunicação.

Deste modo, entendendo o território através da ideia de controle sobre fronteiras, podendo estas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas e posto em prática nas diversas escalas. Um conceito polissêmico, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica" (HAESBAERT, 2004 p. 95-96).

Por ser caracterizada com a era das redes telemáticas planetárias, a cibercultura é uma cultura da desterritorialização. Ela nos coloca em meio a diversos problemas de fronteira, agravando as crises de controle e de acesso, influenciando em todas as demais possibilidades de desterritorializações contemporâneas. A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura (LEMOS, 2007 p. 06).

Identificamos os dois processos marcando presença na cibercultura e no ciberespaço. "E por se estabelecer enquanto a criação de tribos individualizantes e excludentes acaba por criar processos que reforçam/criam/extinguem as identidades nos diversos territórios religiosos, utilizando símbolos religiosos para tal" (LIMA, 2017 p. 51).

Protestantismo hipermoderno: o exemplo progressista da frente de evangélicos pelo estado de direito

Para a construção desse tópico, tomamos como base o trabalho do geógrafo Paulo Lima (2020) sobre a experiência geográfica da ação da Pastoral da Juventude (PJ-PA) e da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED-PA) no espaço público em Belém-Pará. Esta análise se torna importante para explicar tanto as características FEED, enquanto um movimento progressista e de atuação política, quanto suas ações no ciberespaço. A pandemia da COVID-19, que poderia ter impactado de maneira profunda o trabalho do geógrafo, acabou por mostrar e intensificar as ações que os movimentos e seus participantes já possuíam no ciberespaço através de suas mídias e redes sociais.

Mesmo que utilizemos o termo protestantismo para enquadrar o movimento a partir de toda herança teológica e teórica que a FEED possui, principalmente relacionado à Teologia da Missão Integral, o mesmo é composto por uma diversidade que acaba extrapolando o termo, desde pessoas sem denominação religiosa estabelecida que se consideram apenas cristãos, até pessoas com influências de novas e antigas vertentes pentecostais.

A frente surge na tentativa de unir vários evangélicos, de diversas denominações, com o intuito específico de se mostrar, primeiramente, contra o impedimento da então presidente Dilma Rousseff, declarando, assim, que nem todos os evangélicos estavam coniventes e apoiando o que o pastor batista Ariovaldo Ramos chamou de "ataque à democracia brasileira". Segundo o pastor, junto de vários amigos do meio cristão e não cristão, foi formulado, em março de

2016, um Manifesto que, de início, contou com mais de 5 mil apoiadores e inicia com as seguintes palavras:

A Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito é um movimento, nascido no meio cristão evangélico, com os objetivos de promover a justiça social, a defesa de todos os direitos garantidos pela constituição brasileira (direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais, etc.) e pela legislação internacional de direitos humanos, enfrentar quaisquer violações de direitos humanos, lutando pela garantia do Estado Democrático de Direito. A Frente surge em um momento de grande crise, aflição, angústia e incitação ao ódio, vividos pela nação brasileira, com ataques frontais ao pleno exercício da democracia. A ausência de serenidade e cautela nestes momentos críticos tem despertado muita preocupação e teme-se que o acirramento provocado pela ruptura democrática venha custar mais vidas humanas (FEED, 2016, não paginado).

Portanto, o primeiro destaque a se mencionar e que é importante nesta territorialidade hipermoderna da FEED é o conflito. Os participantes do movimento consideram que a instituição, ou parte dela, a qual fizeram ou fazem parte no momento, persegue quem possui as características progressistas já explanadas no texto, este estar na fronteira de dois lados que, a priori, são considerados não dialogáveis. Portanto, a maior parte das visões sobre sua própria religião é de que ela funcionou, e continua funcionando, como elemento de dominação de pessoas, ao menos quando consideram a vertente conservadora do cristianismo.

Pelo fato de a religião possuir certa força social, advinda da reunião de indivíduos por uma regulação, possui capacidade de imposição, eis o primado do social, “relações entre homens são definidas pelo sentido que eles conferem às fórmulas ‘você deve’ e ‘eu devo’, e pelos objetos aos quais eles aplicam. Elas fazem da sociedade uma criação moral” (MOSCOVICI, 2011, p. 52). A voz da religião, portanto, é uma voz coletiva, social, e emana da mesma, certa pressão. Neste sentido, a religião demonstra a força dos vínculos sociais que o ser humano é capaz de criar entre seus iguais (MOSCOVICI, 2011).

Um dos pontos de contato que tanto a dominação religiosa quanto a crença religiosa possuem, é de buscar uma formalização da realidade, este fato já foi destacado. O que a presente pesquisa busca esclarecer, neste momento, é o fato de que a forma religiosa, enquanto grupo, pode entrar em concorrência entre si e para com outras formalizações de mundo, buscando dominá-las, afastá-las ou resistir a elas, assim como dominar, afastar e resistir a membros opostos, dentro do próprio grupo religioso (HERVIEU-LÈGER e WILLAME, 2009). Daí a religião ser marcada por conflitos e relações de poder.

Os diversos pontos desta relação, entre o grupo religioso em si e para com a sociedade, se dão em forma de conflito (SIMMEL, 1983). Muito do que se entende por conflito, leva em conta, na maioria das vezes, um caráter negativo dele, de destruição. O que se pretende argumentar, com base em Simmel (1983, p. 124) a ideia de que, “os indivíduos não alcançam a unidade através de relações harmônicas apenas, a contradição, o conflito e o contrário precedem esta unidade e continuam operando em cada momento de sua existência”.

Não há sociedade, independente de tempo e espaço, uma união pura (totalmente harmoniosa) é um processo irreal. As discordâncias não são apenas

deficiências sociológicas ou exemplos negativos, a sociedade é resultado de ambas as categorias de interação que se manifestam deste modo, inteiramente como positivas.

As narrativas demonstram vários níveis de discordâncias entre o grupo, principalmente os que ainda fazem parte da instituição. Simmel (1983) avalia que certa discordância em grupos menores são elementos que mantêm o próprio grupo interligado entre si. Um grupo não é menos grupo pela quantidade de conflitos que contém, pelo contrário, há certa evolução na definição do que, atualmente, é a característica do grupo. “O desaparecimento de contrários, de “energias de repulsão”, não resulta numa vida social mais rica. Nossa oposição nos faz sentir que não somos completamente vítimas das circunstâncias” (SIMMEL, 1983, p. 127).

Quando um grupo se encontra em conflito externo, há uma necessidade de centralização, de uma concentração que seja capaz de controlar desperdícios de energia e tempo (SIMMEL, 1983). Ocorre, a partir de um conflito com o exterior, uma dupla dinâmica. Simmel (1983) argumenta que, ao passo que esta centralização necessite de um estreitamento dos laços, as pontas mais divergentes do grupo também serão ressaltadas, e caso não se negocie algum tipo de coesão interna, haverá um movimento no grupo a fim de repelir os divergentes que não aceitaram negociar esta divergência em prol da centralização empreendida pelo grupo durante um conflito com o exterior.

Simmel (1983) discorre que grupos sociais, portanto, mantêm dinâmicas de flexibilidade e rigidez em si, trabalhando entre conflitos internos e externos. Para o autor, esta flexibilidade serve ao grupo de modo que este não ultrapasse seus próprios limites.

Estes conflitos ganham destaque também no ciberespaço, pois estes conflitos inicialmente geram desterritorializações, no sentido de que alguns membros do movimento saíram ou foram expulsos de suas Igrejas por pensarem diferente, e reterritorializações na/com a própria entrada na FEED.

Lugar e território remetem a experiências geográficas, se realizam no cotidiano por meio do espaço vivido, por vezes se aproximam, em outras distinguem-se. Na geografia, discute-se até hoje que experiências evidenciam o lugar, ou que situações manifestam o território, o que acabou por convencionar algumas premissas sobre os dois conceitos, como, por exemplo, que o lugar seria sinônimo de espaço vivido e que o território é espaço de poder. É coerente para a pesquisa que se questione como, no cotidiano, estes conceitos se apresentam. Se é possível delimitá-los e separá-los tão facilmente enquanto experiências geográficas, como entende o geógrafo Serpa:

Questiona-se se seria possível viver sem o exercício de poder ou sobre a possibilidade da existência do poder sem a experiência do poder. Parte-se aqui da premissa que o poder (ou sua ausência) é um fenômeno vivido e que o vivido também se manifesta nas relações de poder. Afinal, como esses conceitos se apresentam a nós como experiências geográficas? O território não é também vivido? E o lugar não está também subordinado ao (exercício do) poder? (SERPA, 2019, p. 68).

Delimitar características específicas não significa, necessariamente, que estas não façam parte de um mesmo fenômeno. Deste modo, para além de associar lugar e território a qualidades específicas, o que interessa é que tipos de

experiências estão sendo vividas, manifestadas por meio da dialética interior exterior, como pontua Serpa (2019).

Na sociedade, o conceito de lugar aparece como posição na sociedade e localização espacial, e além destes, existe outro, mais profundo: ele possui espírito, personalidade, existe um sentido do lugar (TUAN, 2013). Este sentido do lugar remete-se ao sensorial, pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente físico e social.

Os lugares são reconhecidos, geralmente, como muito distantes da experiência sensorial, para ser real, e por meio de enraizamento numa localidade e comprometimento físico, mental e emocional. Para a maioria das pessoas, no mundo moderno, os lugares em uma situação intermediária destes dois momentos de experiência.

Uma maneira para descrever a experiência com o lugar foram as próprias descrições dos entrevistados. Uma das pessoas entrevistadas explicou que pelo fato de que não mora na mesma cidade em que a pesquisa está sendo executada, e que também não faz parte do movimento (ao menos não fisicamente), foi no início da conversa mais difícil de reconhecer e representar o que movimento, no caso a FEED, significava para ela. No entanto, no decorrer da entrevista, a pessoa entrevistada mostrou objetos e descreveu práticas que a ligavam ao movimento. Primeiro sobre a questão de um aprendizado, algo como uma formação educacional dos postulados religiosos progressistas, quando nos foi mostrada a cartilha da FEED, livros, cadernos como se a mesma quisesse representar a circulação de ideias no movimento; citou também os próprios membros do movimento dos quais, apesar de não conhecer seus rostos, se sente próxima, por suas palavras e ações; por fim, deu ênfase e identificou seu computador e celular como o meio de interação com o movimento, do qual no final da sua entrevista tinha certeza que mesmo de longe fazia parte. em uma fala sua a entrevistada discorre:

A frente representa para mim, uma forma de ter com quem conversar, interagir. Ter a frente na minha vida, é uma forma de não deixar de ter uma comunidade cristã no meu cotidiano, mesmo que morando longe seja apenas virtualmente, é o que eu tenho no momento, ela representa uma espécie de Porto seguro, no momento em que eu vejo em geral as igrejas se afastando do cotidiano das pessoas, no sentido de seus problemas sociais etc. Enquanto as igrejas só ligam p si, para estrutura da igreja, com sua imagem e pouca inserção na realidade vivida das pessoas, coisa que eu já encontrei nos movimentos sociais, então a frente acaba sendo um pouquinho de um movimento social na minha vida, uma forma de eu não me sentir só (Informação verbal).

Considerando esta e outras entrevistas concedidas por pessoas ligadas a FEED, entende-se que a experiência no lugar do movimento permite, primeiramente, por meio do ajuntamento de pessoas iguais ou de pensamentos semelhantes, por consequência, se fortalecer no estudo do que é ser progressista, consolidando o sentimento de pertencimento ao grupo e preparando para a ação “fora” do lugar.

“O momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações” (HOLZER, 1997, p. 79). O lugar se estrutura no encontro: encontro das coisas, encontro dos outros e

encontro próprio. O corpo é o elemento-chave da transição do eu para o mundo, da forma do ser se expressar no mundo, o ponto de vista do ser-no-mundo, sendo a condição necessária da existência humana (MOREIRA e HESPANHOL, 2007).

Sendo assim, e com o auxílio das entrevistas que muito citaram as interações por meio de aparelhos eletrônicos podemos inferir que, as mídias sociais e o ciberespaço compõem novos instrumentos de lugaridade, e da mesma maneira que o corpo compõe tanto a lugaridade quanto a territorialidade desses grupos, as mídias sociais funcionam como modelos e instrumentos da expressão do próprio corpo, e de interação entre os corpos.

A dinâmica a se considerar é a ação no espaço da Universidade Federal do Pará, utilizada pela FEED, por conta da necessidade de se ter algum espaço de reunião. Pelo fato de o movimento não fazer parte de nenhuma instituição religiosa, não se encontrou outra alternativa viável para que ocorressem suas reuniões, visto, também, que grande parte de seus participantes têm relação de proximidade com a universidade, em sua maioria, professores e alunos.

Quando, por conta das restrições impostas pelo vírus da COVID-19, não se pode utilizar a universidade, e nem a própria rua na qual a FEED fazia diversas manifestações, deu-se maior importância ao ambiente virtual. As redes sociais aparecem como novas dinâmicas de reproduzir a ação política do grupo. Além de permitir a expressão da lugaridade do grupo, é um complemento à territorialidade do mesmo, um instrumento de ação no espaço. E que no período que foi analisado, visto que o espaço “físico” estava restringido à presença do movimento devido à pandemia, o ciberespaço foi importantíssimo para sua atuação. *Lives*, reuniões do grupo, posicionamentos políticos, criação de páginas, tudo isto com viés político fomenta e realça a territorialidade do grupo.

O corpo é central na perspectiva do movimento, não apenas porque pessoas fazem parte do movimento, mas porque é por meio do corpo que conseguem se expressar. Os exemplos estão sendo dados, é o corpo que se separa da Igreja e é com o corpo que se busca a expressão, não apenas material, de estar presente em um espaço, mas também simbólica, na tentativa de ressignificação do que é ser cristão.

Deste modo entendemos as mídias sociais como a expressão do corpo, a corporificação do participante da FEED no ciberespaço. O corpo em movimento, que permite entender que habita um espaço e tempo, então, desta maneira, se lugariza com o corpo, se territorializa com o corpo, cria-se espaços com o corpo, pois “é na ação que a espacialidade do corpo se realiza” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 49).

Surge, então, a importância de se manifestar, de se fazer presente enquanto corpo que se posiciona, de se lugarizar e territorializar a fim de romper um paradigma e para lutar por causas que se achem justas.

Conclusão

Como vimos ao longo do artigo, através da hipermodernidade em suas múltiplas escalas de análises, o avanço das tecnologias e das novas maneiras de experienciar – de ver e sentir o sagrado, a territorialidade católica, alcançou novos patamares por meio da difusão midiática – TV, Rádio e Internet. Antes, a paróquia, como principal lugar de contato e vivência da fé católica, passou a dar lugar às experiências fora de suas fronteiras físicas, ou seja, ocorreu uma expansão do polo hierofânico. Estas ações tornaram-se ainda mais intensas e necessárias, durante o período da COVID-19, em que missas, cultos e diferentes práticas religiosas, passaram a ser proibidas em uma prática coletiva devido ao isolamento e o distanciamento social, para evitar a proliferação do vírus e suas diferentes cepas.

A difusão da fé on-line e os diferentes tipos de expansão da religião em fluxo midiático permitiu ao devoto, o acesso à informação das mensagens de fé e suporte. Agora é possível, inclusive, o acesso da palavra em lugares, até então sem acesso à prática do sagrado, ou aos templos construídos. Não apenas o catolicismo midiático tem aprofundado estas inter-relações, como também, o catolicismo popular, em adequação e inserção no contexto digital, para difusão de suas práticas devocionais e festividades interrompidas pela COVID-19 (CORRÊA, 2020).

O homem religioso na hipermodernidade, não apenas possui suas características e práticas tradicionais do ver e sentir o sagrado (GRECO, 2009; ROSENDAHL, 2003), mas também, apresenta novas práticas de vivência da fé por intermédio dos meios de comunicação e do ciberespaço, ou seja, uma prática religiosa virtual, imaginária e simbólica. “O homem religioso é aquele que foi tocado pela potência sagrada. Ele pode orar, oferecer sacrifícios, realizar atos religiosamente motivados, uma vez que foi atingido pela manifestação do Sagrado (...)”, este sagrado, “transforma seu ser e sua existência, tornando-o seu interlocutor e solicitando sua resposta.” É constituído como sujeito de uma experiência, enquanto é o “objeto” da ação divina (GRECO, 2009, p. 87, 88).

Evidenciamos também neste artigo, as relações entre as dinâmicas territoriais religiosas e as mídias sociais, para compreender a dinâmica social e a atuação do cristianismo neste novo momento. O território foi definido de maneira abrangente, e em todos os exemplos citados, tentamos apresentar como as religiões com o suporte das novas tecnologias, estão criando e recriando territórios e forjando novas territorialidades digitais.

Do mesmo modo, observamos com a FEED e suas relações de conflitos, como gerador de uma desterritorialização e fortalecimento do grupo em si. Portanto, ser oposição e se posicionar no ciberespaço ou fora dele está presente na gênese do grupo.

A partir do conflito e das impossibilidades de encontros físicos gerados pela COVID-19, o ciberespaço e as mídias adquirem ainda mais espaço no cotidiano do movimento, seja para as suas reuniões e momentos educativos, em que se aprende sobre o movimento e criam-se laços para com o lugar, seja por meio de suas territorialidades, afastando e aproximando-se politicamente dos espaços a partir de instrumentos virtuais.

Referências

- CORRÊA, J. S. Festas Silenciosas: formas de cultuar perante à pandemia. In: **Anais do 4º Workshop de Geografia Cultural: Territorialidades do Sagrado: abordagens da geografia da religião.** Unifal-MG, 2020.
- FLORES, F. C. Espacialidad y religiosidad en tiempos de covid-19: apuntes preliminares desde la geografía de las religiones. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, jun./jul de 2020, n. 47, p. 37–54, 2020.
- FRENTE DE EVANGÉLICOS PELO ESTADO DE DIREITO. (2016) “Manifesto Missão na Íntegra”. **Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito**, Documento Google Docs. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1_cX_NWSpA4dd_icboBi3_iBl2JhAWFshOOeckJr_IA/viewform?edit_requested=true. Acesso em: 28/09/2020.
- GRECO, C. **A experiência religiosa** – essência, valor, verdade. São Paulo: Loyola, 2009.
- HERVIEU-LÉGER, D; WILLAME, J-P. **Sociologia e religião: abordagens clássicas.** Aparecida – SP: Ideias e Letras, 2009.
- LEMOS, A. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. Imagem, visibilidade e cultura midiática. **Livro da XV COMPÓS.** Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LIMA, P. A. D. de. Religião e mídias sociais: Des(re)territorializações no ciberespaço. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Jul./Dez. N. 42, P.44 – 61, 2017.
- LIMA, P. A. D. de. **“SE EM NOME DE CRISTO ELES DESTROEM, EM NOME DE CRISTO NÓS VAMOS RECONSTRUIR”**: a experiência geográfica da ação da Pastoral da Juventude (PJ-PA) e da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED-PA) no espaço público em Belém-Pará. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – UFPA/NAEA, Belém, 2020.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. O lugar como uma construção social. **Formação (Online)**, v. 2, n. 14, 2007.
- MOSCOVICI, S. **A invenção da sociedade: sociologia e psicologia.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.
- OLIVEIRA, J. R. de. **Canção Nova e as Peregrinações Pós-Modernas: Hierópolis Carismática de Cachoeira Paulista - SP.** São Paulo: Paco Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, J. R. de. **O on e o off da fé na hipermodernidade: a religião e novas interfaces do sagrado na era 2.0. O exemplo no Vale do Paraíba (SP).** Tese (Doutorado em Geografia) - UERJ, Rio de Janeiro, 2017.
- OLIVEIRA, J. R. de. Geografia, religião e mídia: novas interfaces do sagrado na era hipermoderna. **Rever – Revista de Estudos da Religião** (PUC-SP), v.

19, n. 3, p.55-77, 2019. Disponível em:
revistas.pucsp.br/rever/article/view/46927/31373.

OLIVEIRA, J. R. de; ROSENDAHL, Z. Religião, Política e Espaço: a difusão da fé através do Mass Media e as Online Communities. In: MOREIRA, Alberto da [et al.]. **Religião, espetáculo e intimidade**: múltiplos olhares. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014.

ROSENDAHL, Z. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L (orgs.), **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a Obrigação, Depois a Devoção**: estratégias da Igreja Católica no Brasil, de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SACK, R. D. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SERPA, Â. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SIMMEL, G; DE MORAES FILHO, E (org). **Georg Simmel**: Sociologia. Ática, 1983.

SIMMEL, G. Zur Philosophie der Geschlechter. Philosophische Kultur. **Gesammelte Essays**. Potsdam, v. 31923, [1911] 2014.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. SciELO-EDUEL, 2013.